

QUINTA-FEIRA SANTA: CEIA DO SENHOR

CIC 1337-1344: a instituição da Eucaristia

- 1337** Tendo amado os seus, o Senhor amou-os até ao fim. Sabendo que era chegada a hora de partir deste mundo para regressar ao Pai, no decorrer duma refeição, lavou-lhes os pés e deu-lhes o mandamento do amor¹. Para lhes deixar uma garantia deste amor, para jamais se afastar dos seus e para os tornar participantes da sua Páscoa, instituiu a Eucaristia como memorial da sua morte e da sua ressurreição, e ordenou aos seus Apóstolos que a celebrassem até ao seu regresso, «constituindo-os, então, sacerdotes do Novo Testamento»².
- 1338** Os três evangelhos sinópticos e São Paulo transmitiram-nos a narração da instituição da Eucaristia. Por seu lado, São João refere as palavras de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, palavras que preparam a instituição da Eucaristia: Cristo designa-se a si próprio como o pão da vida, descido do céu³.
- 1339** Jesus escolheu a altura da Páscoa para cumprir o que tinha anunciado em Cafarnaum: dar aos seus discípulos o seu corpo e o seu sangue:
- «Veio o dia dos Ázimos, em que devia imolar-se a Páscoa. [Jesus] enviou então a Pedro e a João, dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa, para que a possamos comer” [...]. Partiram pois, [...] e prepararam a Páscoa. Ao chegar a hora, Jesus tomou lugar à mesa, e os Apóstolos com Ele. Disse-lhes então: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de padecer. Pois vos digo que não voltarei a comê-la, até que ela se realize plenamente no Reino de Deus”. [...] Depois, tomou o pão e, dando graças, partiu-o, deu-lho e disse-lhes: “Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim”. No fim da ceia, fez o mesmo com o cálice e disse: “Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós”» (Lc 22, 7-20)⁴.
- 1340** Celebrando a última ceia com os seus Apóstolos, no decorrer do banquete pascal, Jesus deu o seu sentido definitivo à Páscoa judaica. Com efeito, a passagem de Jesus para o seu Pai, pela sua morte e ressurreição – a Páscoa nova – é antecipada na ceia e celebrada na Eucaristia, que dá cumprimento a Páscoa judaica e antecipa a Páscoa final da Igreja na glória do Reino.
- 1341** Ao ordenar para que repetissem os seus gestos e palavras «até que Ele venha», Jesus não pede somente que se lembrem d’Ele e do que Ele fez. Tem em vista a celebração litúrgica, pelos apóstolos e seus sucessores, do *memorial* de Cristo, da sua vida, morte, ressurreição e da sua intercessão junto do Pai.

¹ Cf. Jo 13, 1-17.

² CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*, c. 1: DS 1740.

³ Cf. Jo 6.

⁴ Cf. Mt 26, 17-29; Mc 14, 12-25; 1 Cor 11, 23-25.

1342 Desde o princípio, a Igreja foi fiel à ordem do Senhor. Da Igreja de Jerusalém está escrito:

«Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. [...] Todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas; tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração» (*Act 2, 42.46*).

1343 Era sobretudo «no primeiro dia da semana», isto é, no dia de domingo, dia da ressurreição de Jesus, que os cristãos se reuniam «para partilhar o pão» (*Act 20, 7*). Desde esses tempos até aos nossos dias, a celebração da Eucaristia perpetuou-se, de maneira que hoje a encontramos em toda a parte na Igreja com a mesma estrutura fundamental. Ela continua a ser o centro da vida da Igreja.

1344 Assim, de celebração em celebração, anunciando o mistério pascal de Jesus «até que Ele venha» (*1 Cor 11, 26*), o Povo de Deus em peregrinação «avança pela porta estreita da cruz»⁵ para o banquete celeste, em que todos os eleitos se sentarão à mesa do Reino.

CIC 1359-1361: a Eucaristia como acção de graças

1359 A Eucaristia, sacramento da nossa salvação realizada por Cristo na cruz, é também um sacrifício de louvor em acção de graças pela obra da criação. No sacrifício eucarístico, toda a criação, amada por Deus, é apresentada ao Pai, através da morte e ressurreição de Cristo. Por Cristo, a Igreja pode oferecer o sacrifício de louvor em acção de graças por tudo o que Deus fez de bom, belo e justo, na criação e na humanidade.

1360 A Eucaristia é um sacrifício de acção de graças ao Pai, uma bênção pela qual a Igreja exprime o seu reconhecimento a Deus por todos os seus benefícios, por tudo o que Ele fez mediante a criação, a redenção e a santificação. Eucaristia significa, antes de mais, «acção de graças».

1361 A Eucaristia é também o sacrifício de louvor, pelo qual a Igreja canta a glória de Deus em nome de toda a criação. Este sacrifício de louvor só é possível através de Cristo: Ele une os fiéis à sua pessoa, ao seu louvor e à sua intercessão, de maneira que o sacrifício de louvor ao Pai é oferecido *por* Cristo e *com* Cristo, para ser aceite *em* Cristo.

CIC 610, 1362-1372, 1382, 1436: a Eucaristia como sacrifício

610 Jesus exprimiu de modo supremo a oblação livre de Si mesmo na refeição que tomou com os doze Apóstolos⁶, na «noite em que foi entregue» (*1 Cor 11, 23*). Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai⁷ para a salvação

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 1: AAS 58 (1966) 947.

⁶ Cf. *Mt 26, 20*.

⁷ Cf. *1 Cor 5, 7*.

dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser entregue por vós» (Lc 22, 19). «Isto é o meu “Sangue da Aliança”, que vai ser derramado por uma multidão, para remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

1362 A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a actualização e a oferenda sacramental do seu único sacrifício, na liturgia da Igreja que é o seu corpo. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada *anamnese* ou memorial.

1363 No sentido que lhe dá a Sagrada Escritura, o *memorial* não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas a proclamação das maravilhas que Deus fez pelos homens⁸. Na celebração litúrgica destes acontecimentos, eles tornam-se de certo modo presentes e actuais. É assim que Israel entende a sua libertação do Egipto: sempre que se celebra a Páscoa, os acontecimentos do Êxodo tornam-se presentes à memória dos crentes, para que conformem com eles a sua vida.

1364 O memorial recebe um sentido novo no Novo Testamento. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, faz memória da Páscoa de Cristo, e esta torna-se presente: o sacrifício que Cristo ofereceu na cruz uma vez por todas, continua sempre actual⁹: «Todas as vezes que no altar se celebra o sacrifício da cruz, no qual “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado”, realiza-se a obra da nossa redenção»¹⁰.

1365 Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, a *Eucaristia é também um sacrifício*. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós» e «este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (Lc 22, 19-20). Na Eucaristia, Cristo dá aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que «derramou por muitos em remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

1366 A Eucaristia é, pois, um sacrifício, porque *representa* (torna presente) o sacrifício da cruz, porque é dele o *memorial* e porque *aplica* o seu fruto:

Cristo «nosso Deus e Senhor [...], ofereceu-Se a Si mesmo a Deus Pai uma vez por todas, morrendo como intercessor sobre o altar da cruz, para realizar em favor deles [homens] uma redenção eterna. No entanto, porque após a sua morte não se devia extinguir o seu sacerdócio (Heb 7, 24-27), na última ceia, “na noite em que foi entregue” (1 Cor 11, 13), [...] Ele [quis deixar] à Igreja, sua esposa bem-amada, um sacrifício visível (como o exige a natureza humana), em que fosse representado o sacrifício cruento que ia realizar uma vez por todas na cruz, perpetuando a sua memória até ao fim dos séculos (1 Cor 11, 23) e aplicando a sua eficácia salvífica à remissão dos pecados que nós cometemos cada dia»¹¹.

1367 O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são *um único sacrifício*: «É uma só e mesma vítima e Aquele que agora Se oferece pelo ministério dos sacerdotes

⁸ Cf. Ex 13, 3.

⁹ Cf. Heb 7, 25-27.

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

¹¹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*, c. 1: DS 1740.

é o mesmo que outrora Se ofereceu a Si mesmo na cruz; só a maneira de oferecer é que é diferente»¹². E porque «neste divino sacrifício, que se realiza na missa, aquele mesmo Cristo, que a Si mesmo Se ofereceu outrora de modo cruento sobre o altar da cruz, agora está contido e é imolado de modo incruento [...], este sacrifício é verdadeiramente propiciatório»¹³.

1368 *A Eucaristia é igualmente o sacrifício da Igreja.* A Igreja, que é o corpo de Cristo, participa na oblação da sua Cabeça. Com Ele, ela própria é oferecida integralmente. Ela une-se à sua intercessão junto do Pai em favor de todos os homens. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, o seu trabalho unem-se aos de Cristo e à sua oblação total, adquirindo assim um novo valor. O sacrifício de Cristo presente sobre o altar proporciona a todas as gerações de cristãos a possibilidade de se unirem à sua oblação. Nas catacumbas, a Igreja é frequentemente representada como uma mulher em oração, de braços estendidos em atitude orante. Como Cristo, que estendeu os braços na cruz, assim, por Ele, com Ele e n'Ele, a Igreja oferece-se e intercede por todos os homens.

1369 *Toda a Igreja está unida à oblação e intercessão de Cristo.* Encarregado do ministério de Pedro na Igreja, o *Papa* está associado a toda e qualquer celebração da Eucaristia, na qual é nomeado como sinal e servidor da unidade da Igreja universal. O *bispo* do lugar é sempre responsável pela Eucaristia, mesmo quando presidida por um *presbítero*; o seu nome é citado nela para significar a sua presidência da Igreja particular, no meio do presbitério e com a assistência dos *diáconos*. A comunidade intercede também por todos os ministros que, por ela e com ela, oferecem o sacrifício eucarístico:

«Seja tida como legítima somente aquela Eucaristia que é presidida pelo bispo ou por quem ele encarregou»¹⁴.

«É pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, Mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental, pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando o mesmo Senhor voltar»¹⁵.

1370 À oblação de Cristo unem-se não só os membros que estão ainda neste mundo, mas também os que já estão *na glória do céu*: é em comunhão com a santíssima Virgem Maria e fazendo memória d'Ela, assim como de todos os santos e de todas as santas, que a Igreja oferece o sacrifício eucarístico. Na Eucaristia, a Igreja, com Maria, está como que ao pé da cruz, unida à oblação e à intercessão de Cristo.

1371 O sacrifício eucarístico é também oferecido *pelos fiéis defuntos*, «que morreram em Cristo e não estão ainda de todo purificados»¹⁶, para que possam entrar na luz e na paz de Cristo:

¹² CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*, c. 2: DS 1743.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula Ad Smyrnaeos* 8, 1: SC 10bis, 138 (FUNK 1, 282).

¹⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 2: AAS 58 (1966) 993.

¹⁶ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*, c. 2: DS 1743.

«Enterrai este corpo não importa onde! Não vos dê isso qualquer cuidado! Tudo o que vos peço é que vos lembreis de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estejais»¹⁷. «Depois [na anáfora], nós rezamos pelos santos padres e bispos falecidos, e em geral por todos aqueles que morreram antes de nós, certos de que isso será de grande proveito para as almas em favor das quais tal súplica se faz, enquanto está presente a vítima santa e temível [...]. Apresentando a Deus as nossas súplicas pelos que morreram, tenham embora sido pecadores, nós [...] apresentamos Cristo imolado pelos nossos pecados, tornando assim propício, para eles e para nós, o Deus que é amigo dos homens»¹⁸.

1372 Santo Agostinho resumiu admiravelmente esta doutrina que nos incita a uma participação cada vez mais perfeita no sacrifício do nosso Redentor que celebramos na Eucaristia:

«Toda esta cidade resgatada, ou seja, a assembleia e sociedade dos santos, é oferecida a Deus como um sacrifício universal pelo Sumo-Sacerdote que, sob a forma de servo, foi ao ponto de Se oferecer por nós na sua paixão, para fazer de nós corpo duma tal Cabeça [...] Tal é o sacrifício dos cristãos: “Nós que somos muitos, formamos em Cristo um só corpo” (*Rm* 12, 5). E este sacrifício, a Igreja não cessa de o renovar no sacramento do altar bem conhecido dos fiéis, em que lhe é mostrado que ela própria é oferecida naquilo que oferece»¹⁹.

1382 A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor. Mas a celebração do sacrifício eucarístico está toda orientada para a união íntima dos fiéis com Cristo pela comunhão. Comungar é receber o próprio Cristo, que Se ofereceu por nós.

1436 *Eucaristia e Penitência*. A conversão e a penitência quotidianas têm a sua fonte e alimento na Eucaristia; porque na Eucaristia torna-se presente o sacrifício de Cristo, que nos reconciliou com Deus; pela Eucaristia nutrem-se e fortificam-se os que vivem a vida de Cristo: «ela é o antídoto que nos livra das faltas quotidianas e nos preserva dos pecados mortais»²⁰.

CIC 1373-1381: a presença real de Cristo na Eucaristia

1373 «Jesus Cristo, que morreu, que ressuscitou, que está à direita de Deus, que intercede por nós» (*Rm* 8, 34), está presente na sua Igreja de múltiplos modos²¹: na sua Palavra, na oração da sua Igreja, «onde dois ou três estão reunidos em Meu nome» (*Mt* 18, 20), nos pobres, nos doentes, nos prisioneiros²², nos seus sacramentos, dos quais é o autor, no sacrifício da missa e na pessoa do ministro. Mas está presente «*sobretudo sob as espécies eucarísticas*»²³.

¹⁷ SANTO AGOSTINHO, *Confissões* 9, 11, 27: CCL 27, 149 (PL 32, 775); palavras de Santa Mónica, antes de morrer, a Santo Agostinho e ao seu irmão.

¹⁸ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae* 5, 9-10: SC 126, 158-160 (PG 30, 1116-1117).

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, *De Civitate Dei* 10, 6: CSEL 40/1, 456 (PL 41, 284).

²⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 13ª, *Decretum de ss. Eucharista*, c. 2: DS 1638.

²¹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

²² Cf. *Mt* 25, 31-46.

²³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7: AAS 56 (1964) 100-101.

1374 O modo da presença de Cristo sob as espécies eucarísticas é único. Ele eleva a Eucaristia acima de todos os sacramentos e faz dela «como que a perfeição da vida espiritual e o fim para que tendem todos os sacramentos»²⁴. No santíssimo sacramento da Eucaristia estão «contidos, *verdadeira, real e substancialmente*, o corpo e o sangue, conjuntamente com a alma e a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, *Cristo completo*»²⁵. «Esta presença chama-se “real”, não a título exclusivo como se as outras presenças não fossem “reais”, mas por excelência, porque é *substancial*, e porque por ela se torna presente Cristo completo, Deus e homem»²⁶.

1375 É pela *conversão* do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo que Ele Se torna presente neste sacramento. Os Padres da Igreja proclamaram com firmeza a fé da mesma Igreja na eficácia da Palavra de Cristo e da acção do Espírito Santo, para operar esta conversão. Assim, São João Crisóstomo declara:

«Não é o homem que faz com que as coisas oferecidas se tornem corpo e sangue de Cristo, mas o próprio Cristo, que foi crucificado por nós. O sacerdote, figura de Cristo, pronuncia estas palavras, mas a sua eficácia e a graça são de Deus. *Isto é o Meu corpo*, diz ele. Esta palavra transforma as coisas oferecidas»²⁷.

E Santo Ambrósio diz a respeito da mesma conversão:

Estejamos bem convencidos de que «isto não é o que a natureza formou, mas o que a bênção consagrou, e de que a força da bênção ultrapassa a da natureza, porque pela bênção a própria natureza é mudada»²⁸. «A Palavra de Cristo, que pôde fazer do nada o que não existia, não havia de poder mudar coisas existentes no que elas ainda não eram? Porque não é menos dar às coisas a sua natureza original do que mudá-la»²⁹.

1376 O Concílio de Trento resume a fé católica declarando: «Porque Cristo, nosso Redentor, disse que o que Ele oferecia sob a espécie do pão era verdadeiramente o seu corpo, sempre na Igreja se teve esta convicção que o sagrado Concílio de novo declara: pela consagração do pão e do vinho opera-se a conversão de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo nosso Senhor, e de toda a substância do vinho na substância do seu sangue; a esta mudança, a Igreja católica chama, de modo conveniente e apropriado, *transsubstanciação*»³⁰.

1377 A presença eucarística de Cristo começa no momento da consagração e dura enquanto as espécies eucarísticas subsistirem. Cristo está presente todo em cada uma das espécies e todo em cada uma das suas partes, de maneira que a fracção do pão não divide Cristo³¹.

1378 *O culto da Eucaristia*. Na liturgia da Missa, nós exprimimos a nossa fé na presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho, entre outras maneiras, ajoelhando ou inclinando-nos profundamente em sinal de adoração do Senhor. «A Igreja Católica sempre prestou e continua a prestar este culto de adoração que

²⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae* 3, q. 73, a. 3, c: Ed. Leon. 12, 140.

²⁵ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 13ª, *Decretum de ss. Eucharista*, can. 1: Ds 1651.

²⁶ PAULO VI, Enc. *Mysterium fidei*: AAS 57 (1965) 764.

²⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De proditiōne Iudae homilia* 1, 6: PG 49, 380.

²⁸ SANTO AMBRÓSIO, *De mysteriis* 9, 50: CSEL 73, 110 (PL 16, 405).

²⁹ *Ibid.*, 9, 52: CSEL 73, 112 (PL 16, 407).

³⁰ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 13ª, *Decretum de ss. Eucharista*, c. 4: DS 1642.

³¹ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 13ª, *Decretum de ss. Eucharista*, c. 3: DS 1641.

é devido ao sacramento da Eucaristia, não só durante a missa, mas também fora da sua celebração: conservando com o maior cuidado as hóstias consagradas, apresentando-as aos fiéis para que solenemente as venerem, e levando-as em procissão»³².

1379 A sagrada Reserva (sacrário) era, ao princípio, destinada a guardar, de maneira digna, a Eucaristia, para poder ser levada aos doentes e ausentes, fora da missa. Pelo aprofundamento da fé na presença real de Cristo na sua Eucaristia, a Igreja tomou consciência do sentido da adoração silenciosa do Senhor, presente sob as espécies eucarísticas. É por isso que o sacrário deve ser colocado num lugar particularmente digno da igreja; deve ser construído de tal modo que sublinhe e manifeste a verdade da presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento.

1380 É de suma conveniência que Cristo tenha querido ficar presente à sua Igreja deste modo único. Uma vez que estava para deixar os seus sob forma visível, Cristo quis dar-nos a sua presença sacramental; e visto que ia sofrer na cruz para nos salvar, quis que tivéssemos o memorial do amor com que nos amou «até ao fim» (Jo 13, 1), até ao dom da própria vida. Com efeito, na sua presença eucarística, Ele fica misteriosamente no meio de nós, como Aquele que nos amou e Se entregou por nós³³, e permanece sob os sinais que exprimem e comunicam este amor:

«A Igreja e o mundo têm grande necessidade do culto eucarístico. Jesus espera-nos neste sacramento do amor. Não regateemos o tempo para estar com Ele na adoração, na contemplação cheia de fé e disposta a reparar as faltas graves e os pecados do mundo. Que a nossa adoração não cesse jamais»³⁴.

1381 «A presença do verdadeiro corpo e do verdadeiro sangue de Cristo neste sacramento, “não a apreendemos pelos sentidos, diz São Tomás, mas *só pela fé*, que se apoia na autoridade de Deus”. É por isso que, comentando o texto de São Lucas 22, 19 “Isto é o Meu corpo que será entregue por vós”, São Cirilo de Alexandria declara: “Não vás agora perguntar-te se isso é verdade; mas acolhe com fé as palavras do Senhor, porque Ele, que é a verdade, não mente”»³⁵:

<i>«Adoro te devote, latens Deitas,</i>	Adoro-te com devoção, ó Deus que te escondes,
<i>Quae sub his figuris vere latitas:</i>	Que sob estas figuras de verdade te ocultas:
<i>Tibi se cor meum totum subjicit,</i>	A ti meu coração se submete inteiramente
<i>Quia, Te contemplans, totum deficit.</i>	Porque, ao contemplar-te, desfalece por completo.

<i>Visus, tactus, gustus in Te fallitur,</i>	Visão, tacto e paladar em ti falham,
<i>Sed auditu solo tuto creditur:</i>	Apenas ouvindo se crê com segurança:
<i>Credo quidquid dixit Dei Filius:</i>	Creio em tudo o que disse o Filho de Deus:
<i>Nil hoc Veritatis verbo verius»¹.</i>	Nada mais verdadeiro que esta palavra da Verdade.

³² PAULO VI, Enc. *Mysterium fidei*: AAS 57 (1965) 769.

³³ Cf. *Gl* 2, 20.

³⁴ JOÃO PAULO II, Ep. *Dominicae Cenaee*, 3: AAS 72 (1980) 119; cf. *Enchiridion Vaticanum* 7, 177.

³⁵ PAULO VI, Enc. *Mysterium fidei*: AAS 57 (1965) 757; cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 3, q. 75, a. 1, c: Ed. Leon. 12, 156; SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA, *Commentarius in Lucam* 22, 19: PG 72, 912.

CIC 1384-1401, 2837: a Comunhão

- 1384** O Senhor dirige-nos um convite insistente a que O recebamos no sacramento da Eucaristia: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós» (Jo 6, 53).
- 1385** Para responder a este convite, devemos *preparar-nos* para este momento tão grande e santo. São Paulo exorta a um exame de consciência: «Quem comer o pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, cada qual a si mesmo e então coma desse pão e beba deste cálice; pois quem come e bebe, sem discernir o corpo do Senhor, come e bebe a própria condenação» (1 Cor 11, 27-29). Aquele que tiver consciência dum pecado grave deve receber o sacramento da Reconciliação antes de se aproximar da Comunhão.
- 1386** Perante a grandeza deste sacramento, o fiel só pode retomar humildemente e com ardente fé a palavra do centurião³⁶: «*Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum, sed tantum dic verbum, et sanabitur anima mea* – Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma [só] palavra e serei salvo»³⁷. E na divina liturgia de São João Crisóstomo, os fiéis oram no mesmo Espírito:
- «Faz-me comungar hoje, ó Filho de Deus, na tua ceia mística. Porque eu não revelarei o segredo aos teus inimigos, nem te darei o beijo de Judas. Mas, como o ladrão, eu te suplico: Lembra-Te de mim, Senhor, no teu Reino»³⁸.
- 1387** Para se prepararem convenientemente para receber este sacramento, os fiéis devem observar o jejum prescrito na sua Igreja³⁹. A atitude corporal (gestos, traje) deve traduzir o respeito, a solenidade, a alegria deste momento em que Cristo Se torna nosso hóspede.
- 1388** É conforme ao próprio sentido da Eucaristia que os fiéis, se tiverem as disposições requeridas⁴⁰, recebam a Comunhão quando participam na missa⁴¹: «Recomenda-se vivamente aquela mais perfeita participação na missa em que os fiéis, depois da comunhão do sacerdote, recebem, do mesmo sacrifício, o corpo do Senhor»⁴².
- 1389** A Igreja impõe aos fiéis a obrigação de «participar na divina liturgia nos domingos e dias de festa»⁴³ e de receber a Eucaristia ao menos uma vez em cada ano, se possível no tempo pascal⁴⁴, preparados pelo sacramento da Reconciliação. Mas

³⁶ Cf. Mt 8,8.

³⁷ *Rito da Comunhão*, 133: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.474 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 546].

³⁸ *Liturgia Bizantina. Anáfora de São João Crisóstomo*, Prece antes da Comunhão: F. E. BRIGHTMAN, *Liturgies Eastern and Western* (Oxford 1896) p. 394 (PG 63, 920).

³⁹ Cf. CIC can. 919.

⁴⁰ Cf. CIC can. 916-917: AAS 75 (1983 II), pp. 165-166.

⁴¹ Os fiéis, no mesmo dia, só podem receber a ss. Eucaristia uma segunda vez. COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A INTERPRETAÇÃO AUTÊNTICA DO CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, *Responsa ad proposita dubia*, 1: AAS 76 (1984) 746.

⁴² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 55: AAS 56 (1964) 115.

⁴³ Cf. Decr. *Ecclesiarum Orientalium*, 15: AAS 57 (1965) 81.

⁴⁴ Cf. CIC can. 920.

recomenda-lhes vivamente que recebam a santa Eucaristia aos domingos e dias de festa, ou ainda mais vezes, mesmo todos os dias.

1390 Graças à presença sacramental de Cristo sob cada uma das espécies, a comunhão apenas sob a espécie de pão permite receber todo o fruto de graça da Eucaristia. Por razões pastorais, esta maneira de comungar estabeleceu-se legitimamente como a mais habitual no rito latino. «A sagrada Comunhão tem uma forma mais plena, enquanto sinal, quando é feita sob as duas espécies. Com efeito, nesta forma manifesta-se mais perfeitamente o sinal do banquete eucarístico»⁴⁵. É a forma habitual de comungar, nos ritos orientais.

1391 *A Comunhão aumenta a nossa união com Cristo.* Receber a Eucaristia na comunhão traz consigo, como fruto principal, a união íntima com Cristo Jesus. De facto, o Senhor diz: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele» (Jo 6, 56). A vida em Cristo tem o seu fundamento no banquete eucarístico: «Assim como o Pai, que vive, Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, também o que Me come viverá por Mim» (Jo 6, 57):

«Quando, nas festas do Senhor, os fiéis recebem o corpo do Filho, proclamam uns aos outros a boa-nova de que lhes foram dadas as arras da vida, como quando o anjo disse a Maria de Magdala: “Cristo ressuscitou!”. Eis que também agora a vida e a ressurreição são conferidas àquele que recebe Cristo»⁴⁶.

1392 O que o alimento material produz na nossa vida corporal, realiza-o a Comunhão, de modo admirável, na nossa vida espiritual. A comunhão da carne de Cristo Ressuscitado, «vivificada pelo Espírito Santo e vivificante»⁴⁷, conserva, aumenta e renova a vida da graça recebida no Baptismo. Este crescimento da vida cristã precisa de ser alimentado pela Comunhão eucarística, pão da nossa peregrinação, até à hora da morte, em que nos será dado como viático.

1393 *A Comunhão afasta-nos do pecado.* O corpo de Cristo que recebemos na Comunhão é «entregue por nós» e o sangue que nós bebemos é «derramado pela multidão, para remissão dos pecados». É por isso que a Eucaristia não pode unir-nos a Cristo sem nos purificar, ao mesmo tempo, dos pecados cometidos, e nos preservar dos pecados futuros:

«Sempre que O recebemos, anunciamos a morte do Senhor⁴⁸. Se nós anunciamos a morte do Senhor, anunciamos a remissão dos pecados. Se, de cada vez que o seu sangue é derramado, é derramado para remissão dos pecados, eu devo recebê-lo sempre, para que sempre Ele perdoe os meus pecados. Eu que peço sempre, devo ter sempre um remédio»⁴⁹.

1394 Tal como o alimento corporal serve para restaurar as forças perdidas, assim também a Eucaristia fortifica a caridade que, na vida quotidiana, tende a enfraquecer-se; e esta caridade vivificada *apaga os pecados veniais*⁵⁰. Dando-Se

⁴⁵ *Instrução geral do Missal Romano*, 240: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.68 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 51].

⁴⁶ *Fanqith, Breviarium iuxta ritum Ecclesiae Antiochenae Syrorum*, v. 1 (Mossul 1886) p. 237a-b.

⁴⁷ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 5: AAS 58 (1966) 997.

⁴⁸ Cf. *1 Cor* 11, 26.

⁴⁹ SANTO AMBRÓSIO, *De Sacramentis*, 4, 28: CSEL 73, 57-58 (PL 16, 446).

⁵⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 13ª, *Decretum de ss. Eucharista*, c. 2: DS 1638.

a nós, Cristo reaviva o nosso amor e torna-nos capazes de quebrar as ligações desordenadas às criaturas e de nos radicarmos n'Ele.

«Uma vez que Cristo morreu por nós por amor, quando nós fazemos memória da sua morte no momento do sacrifício, pedimos que esse amor nos seja dado pela vinda do Espírito Santo; suplicamos humildemente que, em virtude desse amor pelo qual Cristo quis morrer por nós, também nós, recebendo a graça do Espírito Santo, possamos considerar o mundo como crucificado para nós e sermos nós próprios crucificados para o mundo; [...] tendo recebido o dom do amor, morramos para o pecado e vivamos para Deus»⁵¹.

1395 Pela mesma caridade que acende em nós, a Eucaristia *preserva-nos dos pecados mortais* futuros. Quanto mais participarmos na vida de Cristo e progredirmos na sua amizade, mais difícil nos será romper com Ele pelo pecado mortal. A Eucaristia não está ordenada ao perdão dos pecados mortais. Isso é próprio do sacramento da Reconciliação. O que é próprio da Eucaristia é ser o sacramento daqueles que estão na plena comunhão da Igreja.

1396 *A unidade do corpo Místico: a Eucaristia faz a Igreja.* Os que recebem a Eucaristia ficam mais estreitamente unidos a Cristo. Por isso mesmo, Cristo une todos os fiéis num só corpo: a Igreja. A Comunhão renova, fortalece e aprofunda esta incorporação na Igreja já realizada pelo Baptismo. No Baptismo fomos chamados a formar um só corpo⁵². A Eucaristia realiza esta vocação: «O cálice da bênção que abençoamos, não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo? Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque participamos desse único pão» (1 Cor 10, 16-17):

«Se sois o corpo de Cristo e seus membros, é o vosso sacramento que está colocado sobre a mesa do Senhor, é o vosso sacramento que recebeis. Vós respondeis «Ámen» [«Sim, é verdade!»] àquilo que recebeis e, ao responder, o subscreveis. Tu ouves esta palavra: «O corpo de Cristo»; e respondes: «Ámen». Então, sê um membro de Cristo, para que o teu «Ámen» seja verdadeiro»⁵³.

1397 *A Eucaristia compromete-nos com os pobres:* Para receber, na verdade, o corpo e o sangue de Cristo entregue por nós, temos de reconhecer Cristo nos mais pobres, seus irmãos⁵⁴:

«Saboreaste o sangue do Senhor e não reconheces sequer o teu irmão. Desonras esta mesa, se não julgas digno de partilhar o teu alimento aquele que foi julgado digno de tomar parte nesta mesa. Deus libertou-te de todos os teus pecados e chamou-te para ela; e tu nem então te tornaste mais misericordioso»⁵⁵.

1398 *A Eucaristia e a unidade dos cristãos.* Perante a grandeza deste mistério, Santo Agostinho exclama: «*O sacramentum pietatis! O signum unitatis! O vinculum caritatis!* – Ó sacramento da piedade, ó sinal da unidade, ó vínculo

⁵¹ SÃO FULGÊNCIO DE RUSPAS, *Contra gesta Fabiani* 28, 17: CCL 91A, 813-814 (PL 65, 789).

⁵² Cf. 1 Cor 12, 13.

⁵³ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 272: PL 38, 1247.

⁵⁴ Cf. Mt 25, 40.

⁵⁵ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam I ad Corinthios*, homilia 27, 5: PG 61, 230.

da caridade!»⁵⁶. Quanto mais dolorosas se fazem sentir as divisões da Igreja que rompem a comum participação na mesa do Senhor, tanto mais prementes são as orações que fazemos ao Senhor para que voltem os dias da unidade completa de todos os que crêem n'Ele.

1399 As Igrejas orientais que não estão em comunhão plena com a Igreja Católica celebram a Eucaristia com um grande amor. «Essas Igrejas, embora separadas, têm verdadeiros sacramentos; e principalmente, em virtude da sucessão apostólica, o sacerdócio e a Eucaristia, por meio dos quais continuam unidos a nós por vínculos estreitíssimos»⁵⁷. Portanto, «uma certa comunhão *in sacris* – portanto na Eucaristia – é não só possível, mas até aconselhável em circunstâncias oportunas e com aprovação da autoridade eclesiástica»⁵⁸.

1400 As comunidades eclesiais saídas da Reforma, separadas da Igreja Católica, «não [conservaram] a genuína e íntegra substância do mistério eucarístico, sobretudo por causa da falta do sacramento da Ordem»⁵⁹. É por esse motivo que a intercomunhão eucarística com estas comunidades não é possível para a Igreja Católica. No entanto, estas comunidades eclesiais, «quando na santa ceia fazem memória da morte e ressurreição do Senhor, professam que a vida é significada na comunhão com Cristo e esperam a sua vinda gloriosa »⁶⁰.

1401 Se urgir uma grave necessidade, segundo o juízo do Ordinário, os ministros católicos podem dar os sacramentos (Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos) aos outros cristãos que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica, mas que os pedem por sua livre vontade: requer-se, nesse caso, que manifestem a fé católica em relação a estes sacramentos e que se encontrem nas devidas disposições⁶¹.

2837 «*De cada dia*». Esta palavra «*epioúsios*» não é usada em mais lado nenhum no Novo Testamento. Tomada num sentido temporal, é uma repetição pedagógica do «hoje»⁶² para nos confirmar numa confiança «sem reservas». Tomada no sentido qualitativo, significa o necessário para a vida e, de um modo mais abrangente, todo o bem suficiente para a subsistência⁶³. Tomada à letra (*epioúsios*, «sobre-substancial»), designa directamente o Pão da Vida, o corpo de Cristo, «remédio de imortalidade»⁶⁴, sem o qual não temos a vida em nós⁶⁵. Enfim, ligado ao antecedente, é evidente o sentido celestial: «este dia» é o do Senhor, o do banquete do Reino, antecipado na Eucaristia que é já o antegozo do Reino que vem. É por isso conveniente que a liturgia Eucarística seja celebrada em «cada dia».

⁵⁶ SANTO AGOSTINHO, *In Iohannis evangelium tractatus* 26, 13: CCL 36, 266 (PL 35, 1613); cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 47: AAS 56 (1964) 113.

⁵⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Unitatis redintegratio*, 15: AAS 57 (1965) 102.

⁵⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Unitatis redintegratio*, 15: AAS 57 (1965) 102; cf. CIC can. 844, § 3.

⁵⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Unitatis redintegratio*, 22: AAS 57 (1965) 106.

⁶⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Decr. Unitatis redintegratio*, 22: AAS 57 (1965) 106.

⁶¹ Cf. CIC can. 844, § 4.

⁶² Cf. *Ex* 16, 19-21.

⁶³ Cf. *1 Tm* 6, 8.

⁶⁴ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios* 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

⁶⁵ Cf. *Jo* 6, 53-56.

«A Eucaristia é o nosso pão de cada dia [...]. A virtude própria deste alimento é a de realizar a unidade a fim de que, reunidos no corpo de Cristo, tornados seus membros, sejamos o que recebemos. [...] E também são pão de cada dia as leituras que em cada dia ouvimos na igreja; e os hinos que escutais e cantais, são pão de cada dia. Estes são os mantimentos necessários para a nossa peregrinação»⁶⁶.

O Pai celeste exorta-nos a pedir, como filhos do céu, o Pão celeste⁶⁷. Cristo «é Ele mesmo o Pão que, semeado na Virgem, levedado na carne, amassado na paixão, cozido no forno do sepulcro, guardado em reserva na Igreja, levado aos altares, fornece cada dia aos fiéis um alimento celeste»⁶⁸.

CIC 1402-1405: a Eucaristia, “Penhor da futura glória”

1402 Numa antiga oração, a Igreja aclama assim o mistério da Eucaristia: «*O sacrum convivium in quo Christus sumitur: recolitur memoria passionis eius, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur* – Ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória»⁶⁹. Se a Eucaristia é o memorial da Páscoa do Senhor, se pela nossa comunhão no altar somos cumulados da «plenitude das bênçãos e graças do céu»⁷⁰, a Eucaristia é também a antecipação da glória celeste.

1403 Na última ceia, o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai» (Mt 26, 29)⁷¹. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (Ap 1, 4). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (1 Cor 16, 22), «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20), «que a Tua graça venha e que este mundo passe!»⁷².

1404 A Igreja sabe que, desde já, o Senhor vem na sua Eucaristia e que está ali, no meio de nós. Mas esta presença é velada. E é por isso que nós celebramos a Eucaristia «*expectantes beatam spem et adventum Salvatoris nostri Jesu Christi* – enquanto aguardamos a feliz esperança e a vinda de Jesus Cristo nosso Salvador»⁷³, pedindo a graça de ser acolhidos «com bondade no vosso Reino, onde também nós esperamos ser recebidos, para vivermos ... eternamente na vossa glória, quando enxugardes todas as lágrimas dos nossos olhos; e, vendo-Vos tal como sois, Senhor nosso Deus, seremos para sempre semelhantes a Vós e cantaremos sem fim os vossos louvores, por Jesus Cristo nosso Senhor»⁷⁴.

⁶⁶ SANTO AGOSTINHO, *Sermão 57*, 7, 7: PL 38, 389-390.

⁶⁷ Cf. Jo 6, 51.

⁶⁸ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão 67*, 7: CCL 24A, 404-405 (PL 52, 402).

⁶⁹ *Na solenidade do santíssimo corpo e sangue de Cristo*, Antífona do «Magnificat» das Vésperas II: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 3 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 502 [*Liturgia das Horas*, v. 3 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 621].

⁷⁰ *Oração Eucarística I ou Cânone Romano*, 96: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.453 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 521].

⁷¹ Cf. Lc 22, 18; Mc 14, 25.

⁷² *Didaké* 10, 6: SC 248, 180 (FUNK, *Patres apostolici* 1, 24).

⁷³ *Rito da Comunhão*, 126 [Embolismo depois do Pai Nosso]: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.472 [a tradução oficial portuguesa difere um pouco: «enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador»: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 545]; cf. Tt 2, 13.

⁷⁴ *Oração Eucarística III*, 116: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 465 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 543].

1405 Desta grande esperança – dos novos céus e da nova terra, onde habitará a justiça⁷⁵ – não temos garantia mais segura nem sinal mais manifesto do que a Eucaristia. Com efeito, cada vez que se celebra este mistério, «realiza-se a obra da nossa redenção»⁷⁶ e nós «partimos o mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas viver em Jesus Cristo para sempre»⁷⁷.

CIC 611, 1366: a instituição do sacerdócio na última Ceia

611 A Eucaristia, que neste momento instituiu, será o «memorial»⁷⁸ do seu sacrifício. Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem⁷⁹. Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: «Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade» (Jo 17, 19)⁸⁰.

1366 A Eucaristia é, pois, um sacrifício, porque *representa* (torna presente) o sacrifício da cruz, porque é dele o *memorial* e porque *aplica* o seu fruto:

Cristo «nosso Deus e Senhor [...], ofereceu-Se a Si mesmo a Deus Pai uma vez por todas, morrendo como intercessor sobre o altar da cruz, para realizar em favor deles [homens] uma redenção eterna. No entanto, porque após a sua morte não se devia extinguir o seu sacerdócio (Heb 7, 24-27), na última ceia, “na noite em que foi entregue” (1 Cor 11, 13), [...] Ele [quis deixar] à Igreja, sua esposa bem-amada, um sacrifício visível (como o exige a natureza humana), em que fosse representado o sacrifício cruento que ia realizar uma vez por todas na cruz, perpetuando a sua memória até ao fim dos séculos (1 Cor 11, 23) e aplicando a sua eficácia salvífica à remissão dos pecados que nós cometemos cada dia»⁸¹.

⁷⁵ Cf. 2 Pe 3, 13.

⁷⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

⁷⁷ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios*, 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

⁷⁸ Cf. 1 Cor 11, 25.

⁷⁹ Cf. Lc 22, 19.

⁸⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de sanctissimo Missae Sacrificio*, canon 2: DS 1752; Sess. 23ª, *Doctrina de sacramento Ordinis*, c. 1: DS 1764.

⁸¹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de ss. Missae Sacrificio*, c. 1: DS 1740.